

Editorial – NEPEC 10 anos

Dez anos de existência – resultado de um grande interesse intelectual e profissional, envolvendo desafios, dificuldades, persistência e dedicação – devem ser registrados. Não somente porque fazem parte de uma história que, de modo geral, os geógrafos se negam a escrevê-la, mas, sobretudo, como, quem sabe, uma referência para o futuro.

Criado em novembro de 1993, o NEPEC completa 10 anos. Surgiu como um pequeno núcleo de estudos envolvendo Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, interessados na geografia cultural e sua difusão no Brasil. O Departamento de Geografia da UERJ foi o local onde o núcleo se instalou.

Em sua criação, três linhas de investigação constituíram os temas centrais das pesquisas que se desenvolveriam. A primeira linha – espaço e religião – já se constituía em tema de interesse de Zeny Rosendahl, que, nessa época, concluía sua tese de doutoramento sobre o centro de peregrinação de Porto das Caixas, na Baixada Fluminense. A segunda linha referia-se ao tema espaço e cultura popular, enquanto a terceira privilegiaria as relações entre espaço e simbolismo. Permeando estas duas linhas, estava o interesse de Roberto Lobato Corrêa na geografia cultural como outro caminho para a compreensão da ação humana.

O presente memorial destaca as realizações do NEPEC nos últimos dez anos, enfatizando, primeiramente, os simpósios sobre espaço e cultura e, a seguir, as publicações do NEPEC, o periódico Espaço e Cultura, a série de livros Geografia Cultural e, finalmente, a série Textos NEPEC. Um livro editado no segundo semestre de 2003 finaliza o memorial.

SIMPÓSIOS NACIONAIS SOBRE ESPAÇO E CULTURA

Congressos, conferências e simpósios são meios pelos quais uma comunidade discute a sua prática profissional, política e acadêmica. Em 1995, no âmbito de um congresso do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH), realizado na UERJ, o NEPEC organizou uma mesa-redonda sobre Espaço e Cultura. Nesta ocasião, foi lançado o primeiro número da revista Espaço e Cultura. Participaram da mesa-redonda Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa, João Baptista Ferreira de Mello, Ana Maria Daou e, como convidado, o professor Paul Claval. Desde então, este geógrafo francês manteve fortes ligações com o NEPEC, publicando artigos em seus periódicos e livros, e participando dos três simpósios organizados pelo NEPEC.

O NEPEC organizou três simpósios nacionais sobre Espaço e Cultura. Foram realizados sempre em outubro, nos anos de 1998, 2000 e 2002. A participação de geógrafos estrangeiros valorizou

os simpósios. Paul Claval participou dos três simpósios, tendo proferido uma conferência em cada um deles e participado de uma mesa-redonda no simpósio de 1998. Este simpósio, por sua vez, contou com a presença de Denis Cosgrove, que proferiu uma conferência. A participação desses geógrafos está registrada na revista Espaço e Cultura e nos livros da coleção Geografia Cultural.

A capacidade dos simpósios era restrita, contando, em média, com a participação de 200 pessoas. Sempre estiveram estruturados em mesas-redondas e conferências. Administrados pelos pesquisadores do NEPEC e com poucos recursos financeiros, não possuíam sessões de comunicações-livres, o que implicaria em maior volume de trabalho. O primeiro estruturou-se em quatro mesas-redondas e os outros dois, em seis. O livro *Manifestações da Cultura no Espaço* divulga os trabalhos do primeiro simpósio, enquanto o segundo teve os seus trabalhos reunidos em três livros: *Matrizes da Geografia Cultural*; *Paisagem, Imaginário e Espaço*; e *Religião, Identidade e Território*. Os textos do terceiro simpósio estão no prelo.

Geógrafos de diversas universidades brasileiras participaram dos simpósios. Sem mencionar todos, pode-se citar aqueles que participaram com trabalhos em mais de um dos simpósios (uma relação parcial encontra-se nos quatro supracitados livros): Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, Rogério Haesbaert, Paulo César da Costa Gomes, Werther Holzer, Maria Geralda de Almeida, Gisela Aquino Pires do Rio, Carlos Eduardo Santos Maia, João Baptista Ferreira de Mello e José Flávio Pessoa de Barro. Outros participaram em mais de um simpósio, tendo apresentado trabalho em pelo menos um deles: Pedro Pinchas Geiger, Jörn Seeman, Edvânia Torres Aguiar Gomes e Otávio Costa. Estes nomes já estão vinculados à história do NEPEC.

Os simpósios revelaram a riqueza temática que a geografia cultural propicia. Revelaram, também, a autonomia de geógrafos em procurar caminhos para a leitura espacial da cultura, indicando a existência de focos autônomos de pensamento em geografia cultural.

O PERIÓDICO ESPAÇO E CULTURA

Um núcleo de pesquisas ganha maior visibilidade por meio de suas publicações. Um periódico é, neste sentido, um veículo ideal, pois de modo regular publica artigos, resenhas e informações vinculadas aos interesses temáticos do núcleo. O núcleo de pesquisas, por outro lado, adquire maior autonomia no sentido de difundir os temas em torno dos quais se organiza a sua existência.

Antes de completar dois anos, o NEPEC lançou, em outubro de 1995, o periódico Espaço e Cultura. Seu lançamento se deu no âmbito de uma mesa-redonda, patrocinada pelo NEPEC.

Em seu primeiro e modesto número, Espaço e Cultura era uma produção "artesanal". Sua capa de cartolina leve era de cor creme. Possuía 83 páginas e, além da apresentação assinada pela editora-chefe Zeny Rosendahl, a revista tinha três artigos e uma bibliografia. Abrindo a revista,

Roberto Lobato Corrêa apresentava o artigo *A Dimensão Cultural do Espaço*, com a intenção de introduzir os geógrafos brasileiros à geografia cultural, mostrando como o espaço está impregnado de cultura. Paisagem cultural, espaço e simbolismo, percepção ambiental e cultura, e lugares centrais são alguns dos temas que a geografia cultural considera e que o autor apresenta.

A alma dos lugares, no que concerne à centralidade, sob a perspectiva do indivíduo e de grupos sociais, foi apresentada por João Baptista Ferreira de Mello. A orientação adotada foi a da geografia humanista e a referência espacial, a cidade do Rio de Janeiro com suas múltiplas centralidades. O terceiro artigo, de Zeny Rosendahl, disse respeito às relações entre geografia e religião. Quatro foram os temas por meio dos quais essas relações puderam ser vistas: (a) fé, espaço e tempo – difusão e área de abrangência; (b) os centros de convergência e irradiação; (c) religião, território e territorialidade; e (d) espaço e lugar sagrado – vivência, percepção e simbolismo. Ressalte-se que esses quatro temas foram, posteriormente, reavaliados e deles surgiram as dimensões de análise do sagrado e profano, publicadas em *Introdução à Geografia Cultural*, em 2003, pela Editora Bertrand Brasil.

A revista *Espaço e Cultura*, em seu primeiro número, inaugurou a divulgação de bibliografia sobre temas específicos interessando à geografia cultural. O primeiro número brindou o público com uma pequena bibliografia sobre a discussão teórica em geografia cultural.

A revista, que nascera modesta, cresceu e se tornou mais rica. A partir do número dois, tornou-se maior e com outro formato: 21cm x 29,4cm. Sua capa trazia uma cópia do bico-de-pena de Percy Lau, *A Casa de Farinha*. Sua produção não era mais amadorista e já possuía certidão de existência, ISSN e CDU. Além da editora-chefe Zeny Rosendahl, tinha um conselho editorial formado por Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl e João Rua, e um conselho consultivo constituído pelo antropólogo José Flávio Pessoa de Barros, o teólogo Leonardo Boff, a filósofa Creusa Capalbo, o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira, e dois consagrados geógrafos, Paul Claval, professor da Sorbonne, e Milton Santos, da USP. Outras formalidades passaram também a figurar na revista.

Maior, mais formal e bonita, *Espaço e Cultura* tornou-se também melhor. Sem, contudo, deixar de passar por problemas administrativos, os quais se traduziram em erros de impressão e na necessidade de se agrupar os números 9 e 10, e 11 e 12, em apenas dois volumes. Uma clara política editorial marca *Espaço e Cultura*. Qualidade e nítida vinculação à geografia cultural francesa, à Escola de Berkeley ou à nova geografia cultural constituíam os dois primeiros critérios para aceitação ou seleção de um texto.

Tendo em vista a quase total inexistência de textos teóricos sobre geografia cultural, foi adotada a política de publicar traduções de artigos considerados fundamentais, que ajudavam na formação de uma geografia cultural brasileira. Inúmeros foram os textos assim transcritos.

Foram enfatizados os temas relativos à natureza da geografia cultural, com textos de Sauer, Platt, Claval, Taillard, Sivignon e de Miossec, Picheral e Bousnina. Neste conjunto, está o clássico *Geografia Cultural*, publicado por Sauer, em 1931. A crítica e o debate entre geógrafos culturais mereceram também a atenção. A crítica de James Duncan à visão supraorgânica da cultura e a crítica de Raymond Williams sobre a visão da cultura como superestrutura foram devidamente traduzidas e transcritas, assim como o intenso debate entre Don Mitchell, de um lado, e Peter Jackson, os Duncans e Denis Cosgrove, de outro. Este último compareceu com outro texto, no qual uma crítica radical é elaborada à geografia saueriana.

A religião como tema da geografia cultural teve tradução e publicação de textos de Paul F. Keler, geógrafo alemão com experiência na Ásia na primeira metade do século XX, Paul Claval e Claude Rivière, este último sobre as peregrinações na África. A paisagem cultural teve nos textos de Carl Tröll e Donald Meinig duas importantes contribuições teóricas, enquanto o conceito de espaço vivido foi discutido por Jean Gallais, que considerou o mundo tropical.

Scott W. Hoefle e Jörn Seeman, radicados no Brasil, e a portuguesa Maria da Glória M. P. Santos estavam presentes na revista, assim como Paul Claval, com uma discussão sobre a geografia cultural no Brasil.

Os geógrafos brasileiros tiveram participação decisiva na construção do periódico em questão. Citamos, entre eles, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Jorge Luiz Barbosa, Maria Geralda de Almeida, Monica Sampaio, Paulo César da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa, Rogério Haesbaert, Sonia Ramagem, Zeny Rosendahl, Zilá Mesquita, e Wherter Holzer. Religião, música popular, literatura, percepção espacial, regiões culturais, paisagem e geografia humanista estavam entre os temas tratados.

Espaço e Cultura não tem números temáticos, mas, em alguns, dois ou três artigos de mesma natureza indicam uma certa especialização. Neste sentido, particularmente relevante é o número 11-12, que contém, além da apresentação do tema da diversidade religiosa, de Zeny Rosendahl, seis outros textos que derivam de trabalhos de monografia de bacharelado por ela orientados.

Fornecer bibliografias, especializadas aos leitores brasileiros, é parte integrante da política editorial de Espaço e Cultura. Foram, assim, produzidas referências bibliográficas sobre a teoria na geografia cultural, a geografia da religião, a geografia humanista, a paisagem e a literatura e a música popular. Adicionalmente, foram apresentados os conteúdos, desde o início ao ano de 1999, dos dois mais importantes periódicos de geografia cultural, *Ecumene*, publicado em Londres, e *Géographie et Cultures*, em Paris.

Uma resenha encerra, usualmente, cada número de Espaço e Cultura. Trata-se, sobretudo, de livros vinculados à geografia cultural em geral, readings e livros-textos, ou vinculados à religião e escritos por geógrafos e não-geógrafos.

Durante sete números, Espaço e Cultura teve como capa a figura de A Casa de Farinha, de Percy Lau. Em cada número, variava apenas a cor. A partir do número 9-10, a capa passou a reproduzir a tela de Vitor Meirelles, Panorama da Primeira Missa no Brasil. Também apenas a cor variava.

A COLEÇÃO GEOGRAFIA CULTURAL

A partir da publicação, em 1996, do livro Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica, de Zeny Rosendahl, decidiu-se criar a série Geografia Cultural, a qual tem um logotipo e um padrão bem definidos. São livros pequenos, cada um com uma única cor que, no entanto, apresenta-se em degradé de baixo para cima.

Esta coleção visa, de um lado, oferecer ao público de língua portuguesa longos textos de autores brasileiros a respeito de uma temática cultural. De outro, oferecer conjuntos de textos traduzidos sobre uma mesma temática, enriquecendo, assim, a base teórica dos geógrafos brasileiros interessados na dimensão espacial da cultura. De outro lado ainda, a coleção Geografia Cultural divulga o material apresentado nos Simpósios Nacionais Sobre Espaço e Cultura, realizados pelo NEPEC.

Na primeira vertente, estão os livros de Zeny Rosendahl: o já mencionado Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica e Hierópolis: o Sagrado e o Urbano, publicado em 1999. Representam eles, juntamente com os inúmeros artigos sobre religião publicados no periódico Espaço e Cultura, a ênfase atribuída pelo NEPEC à geografia da religião, um dos eixos temáticos do núcleo.

Para os três simpósios organizados pelo NEPEC – em 1998, 2000 e 2002 –, foram publicados e lançados em cada um dos eventos um conjunto de quatro livros da coleção Geografia Cultural. Cada um deles contém um conjunto de traduções de textos fundamentais para o desenvolvimento da geografia cultural no Brasil.

O primeiro, Paisagem, Tempo e Cultura, publicado em 1998, traz o clássico A Morfologia da Paisagem, de Carl Sauer, publicado originalmente em 1925 e considerado como o marco inicial da denominada Escola de Berkeley. O segundo, dos austríacos Hans Bobek e Josef Schmithüsen, A Paisagem e o Sistema Lógico da Geografia, foi publicado originalmente em 1949 e representa outra perspectiva de análise da paisagem. Augustin Berque brinda o leitor com o seu Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. Também da década de 1980 é o último texto, de Denis Cosgrove, A Geografia Está em Toda a Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. É neste texto que o autor lança os conceitos de paisagem da cultura dominante, residual, emergente e excluída.

Os três outros livros – Geografia Cultural: Um Século (1), (2) e (3) – foram publicados, os dois primeiros em 2000 e o terceiro em 2002. Trata-se de um esforço em reunir textos que possam reconstituir momentos cruciais da história da geografia cultural: o primeiro deles reporta-

se à Escola de Berkeley, com um pouco acessível texto de Sauer escrito em 1927, no qual o autor procura resgatar a história do pensamento geográfico desde a segunda metade do século XIX. Seguem-se outro texto de Sauer, publicado em 1931, e, finalmente, a longa e elucidativa introdução que Philip Wagner e Marvin Mikesell fizeram para apresentar, em 1962, o já clássico *Readings in Cultural Geography*.

O segundo apresenta textos relacionados à denominada nova geografia cultural, tendo sido publicados nas décadas de 1980 e 1990. Denis Cosgrove, Peter Jackson e James Duncan – nomes-chaves da nova geografia cultural – assinam três dos quatro textos do segundo volume. Os autores referem-se às novas perspectivas que à época abriam-se à geografia cultural. O último texto, de autoria de Marvin Mikesell, sugere que os debates entre geógrafos da Escola de Berkeley e os novos geógrafos culturais estão encerrados.

O terceiro livro da trilogia refere-se à geografia cultural francesa. Inicia-se com as reflexões de Max Sorre sobre o valor atual dos gêneros de vida, um tema clássico da geografia vidaliana. Segue-se o texto de Jean Gallais sobre o espaço vivido nas sociedades primitivas do mundo tropical. Jöel Bonnemaïson brinda o leitor com o relevante *Viagem em Torno do Território*, no qual a geografia cultural francesa é apresentada ao leitor. Encerrando o livro, Paul Claval sugere caminhos a serem trilhados pelo geógrafo cultural.

Organizados por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, os quatro livros devem preencher importante lacuna na biblioteca dos geógrafos brasileiros. Quatro outros livros compõem a coleção *Geografia Cultural*, sob a mesma organização. Eles contêm os textos apresentados nos simpósios realizados em 1998 (um livro) e no de 2000 (três livros).

Manifestações da Cultura no Espaço, fruto do Simpósio de 1998, contém a conferência de Denis Cosgrove, convidado do evento, sobre a Geografia Cultural no Milênio. O livro divide-se em duas partes. Na primeira, questões teóricas da geografia cultural e avaliações sobre a disciplina são discutidas por Roberto Lobato Corrêa, Paul Claval, Paulo César da Costa Gomes e William Hoefle. Na segunda, as relações entre paisagem e imaginário são abordadas por Werther Holzer, enquanto Rogério Haesbaert discute as identidades territoriais. As festas populares são analisadas por Carlos Eduardo Santos Maia e as relações entre espaço e religião, por Creusa Capalbo e Zeny Rosendahl. Este quarto livro da coleção *Geografia Cultural* revela a existência de uma já estabelecida geografia cultural no Brasil, capaz de fazer reflexões sobre temas culturais.

Com maior número de participantes e contando com o apoio da EDUERJ, o segundo Simpósio, realizado em 2000, gerou três livros. O primeiro, *Matrizes da Geografia Cultural*, representa o esforço de resgatar as bases da disciplina, de crucial importância para o desenvolvimento da geografia cultural no Brasil. Sauer e a Escola de Berkeley (Roberto Lobato Corrêa), Eric Dardel (Werther Holzer), Yi-Fu Tuan (João Baptista Ferreira de Mello), as relações

entre espaço e economia (Gisela Aquino Pires do Rio) e as contribuições da nova geografia cultural (Paul Claval) compõem o livro em tela.

Paisagem, Imaginário e Espaço é o segundo dos três livros. Contém textos sobre a paisagem cultural, enquanto um conjunto de formas portadoras de significado. Maria Teresa Luchiani, Vera Mayrinck Melo, Edvânia Gomes, Jorge Luiz Barbosa e Aureanice de Mello Corrêa mostram em seus textos a riqueza da paisagem cultural a ser interpretada pelos geógrafos. O imaginário é a temática abordada por Iná Elias de Castro ao estudar a natureza e a reinvenção do Nordeste, enquanto o litoral e o sertão, a praia carioca no século XIX e o espaço do turismo são objetos de leitura por Pedro Pinchas Geiger, Mauro Gil Ferreira e Silva e Luzia Neide Coriolano, respectivamente.

Religião, Identidade e Território encerra o conjunto de livros relativos ao Simpósio de 2000. A religião é discutida em suas relações com a política por Zeny Rosendahl, enquanto Sylvio Gil Filho e Ana Helena Gil propõem relações entre identidade religiosa e territorialidade. Wolf Sahr, por sua vez, aborda aspectos da religião afro-brasileira. A identidade é objeto de interesse de Eduardo Yazigi, relacionando a natureza como identidade espacial do turismo. É também foco de interesse de Paulo César da Costa Gomes, que aborda o espaço público; de Rogério Haesbaert, que discute suas relações com a des-territorialização; de Marcelo Lopes de Souza, ao discutir questões associando território, alteridade e o próprio; e de Carlos Eduardo Santos Maia, que aborda a questão sob a perspectiva da festa.

A coleção Geografia Cultural, deste modo, oferece aos geógrafos brasileiros um amplo conjunto de textos, originais e traduções, envolvendo questões teóricas e a obra de alguns autores importantes, bem como contribuições temáticas relativas à religião, à paisagem, à identidade, ao imaginário, ao território e às festas. Espera-se que as inúmeras contribuições sejam de utilidade para a geografia brasileira. A todos que contribuíram para a coleção, o reconhecimento do NEPEC. Entre eles, a EDUERJ (Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) merece um agradecimento especial, assim como Renato Casimiro, Rosania Rolins, Heloisa Fortes e os revisores, em particular.

TEXTOS NEPEC

Com o intuito de divulgar rapidamente os resultados de pesquisas realizadas pelos pesquisadores associados ao NEPEC e aos estudos efetivados no âmbito da programação do núcleo, criou-se em 2003 o seriado Textos NEPEC. O primeiro número reporta-se aos resultados preliminares da pesquisa sobre a territorialidade da Igreja Católica no Brasil, apresentando aspectos da difusão de dioceses e prelazias em 1800 e 1930. É assinado por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. O segundo difunde a pesquisa, realizada por bolsistas do NEPEC, que dá continuidade ao estudo mencionado acima. Trata-se do estudo da Territorialidade da

Igreja Católica nos Estados de Minas Gerais (Mariana Lamego), São Paulo (Ivan L. Oliveira) e Paraná (Patrícia Bonelli). O terceiro reúne as cinco bibliografias publicadas na revista Espaço e Cultura, referentes à discussão teórica sobre geografia cultural, paisagem, literatura e música popular, religião e geografia humanista, as quais foram preparadas por Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl e João Baptista Ferreira de Mello.

LIVRO INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA CULTURAL

Em setembro de 2003, saiu publicada pela Bertrand Brasil – editora que vem desde a primeira metade da década de 1990 editando livros de geógrafos radicados na UFRJ – a coletânea *Introdução à Geografia Cultural*, organizada por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Trata-se de projeto antigo que visava ampliar ainda mais a divulgação de bases teóricas da geografia cultural. No processo de organização do livro, a ser publicado por uma editora comercial e não pela EDUERJ, contatos burocráticos foram efetivados e em dois textos o NEPEC, por intermédio dos organizadores, desembolsou mais de 500 dólares de direitos autorais a uma editora inglesa que detinha tais direitos. Outros foram gentilmente cedidos pelos autores.

A coletânea possui oito artigos. Os cinco primeiros procuram apresentar um panorama da evolução da geografia cultural anglo-americana. Reproduz artigos já publicados na revista Espaço e Cultura e em livros da coleção Geografia Cultural. O texto de Sauer de 1931 dá início à coletânea, seguindo-se a apresentação dos temas principais da Escola de Berkeley, redigido por Wagner e Mikesell. As críticas de Duncan e de Cosgrove a respeito da geografia cultural saueriana dão seqüência à coletânea. O texto de Cosgrove e Jackson aponta os novos caminhos da geografia cultural. Os três últimos textos são inéditos e derivam de três conferências proferidas por ocasião do 3º Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura, organizado pelo NEPEC, em outubro de 2002. Paul Claval apresenta a contribuição francesa à geografia cultural, enquanto Roberto Lobato Corrêa discute as relações entre a geografia cultural e o urbano. O último texto, de Zeny Rosendahl, avança na formulação de uma teoria geográfica a respeito da religião. A coletânea *Introdução à Geografia Cultural* representa e sintetiza os dez anos de existência do NEPEC.

Zeny Rosendahl

Editora-chefe

Coordenadora do NEPEC